

Eleonora e a cabeça de peixe

Isabelly Lima Amorim

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Era um dia normal para todos os humildes trabalhadores do açougue, menos para Eleonora que se apaixonou por uma sereia.

Para todos, a linda criatura parcialmente livre dentro de uma banheira com água e gelo nos fundos do estabelecimento era apenas mercadoria. Mas para a jovem recém arrebatada pela ternura, ela era seu primeiro amor.

Eleonora se escondeu depois de fecharem e passaram a noite conversando. Agachada nos pés da banheira, suportando o frio e o desafeto de um chão meio sujo de sangue e pegadas de pés que saíam e entravam, alimentando a realidade de que sua amada estava na fila do abate havia tempo. Uma noite foi o suficiente. Amava. Amava muito. Amava mais ainda já que sabia que seu tempo era limitado. Logo o sol sairia, os trabalhadores voltariam e a sereia estaria em pedaços, embalada em plástico filme. Declarou uma lucidez terrível de fugirem juntas, mas a outra moça sorriu, meneou a cabeça. Quais as chances disso dar certo?

Já passava da madrugada quando Eleo foi embora, arrastada de dor e saudade. Arrependida quanto ao passado, desalentada no presente e sem esperanças no futuro, se deitou e dormiu o sono dos derrotados.

Não queria ir trabalhar no outro dia. De sentença confirmada, chegaria e não encontraria ela lá. E se insistisse? Ela cederia? Fugiriam para o rio ou banho mais próximo, viveriam sem condenações assim? Saiu de casa correndo com isso em mente.

É uma pena que na vitrine do açougue a sereia já era exposta, junto de outros três peixes comuns.